

ADRIANA GAMBARINNI

São Paulo-São Paulo | Brasil

@adrianagambarinni

Em *Ideologia*, Frida Kahlo aparece como matrioska contemporânea, figura multiplicada em camadas que revelam identidade, política e sensibilidade. O rosto desdobrado em múltiplas faces, atravessado por cores vibrantes e contrastes incisivos, sugere que nenhuma vida se encerra em narrativa única. O vermelho de fundo pulsa como sangue e como solo fértil, memória que insiste em permanecer. Frida não surge como ícone fixo, mas como força em expansão, aberta em círculos que lembram mundos abrigados dentro de cada indivíduo.

Reflorir se apresenta aqui como gesto insurgente. O ativismo da artista homenageada se renova em renascimento político e cultural, cada face da boneca russa transformada em ato de resistência contra o apagamento. Cores primárias constroem um corpo que sangra e floresce, que luta e se recompõe, cicatriz convertida em pétala, biografia transformada em manifesto. A multiplicação de rostos amplia a presença, como galhos que se estendem em direções diversas, nutridos pela mesma raiz.

No contexto da exposição, *Ideologia* se transforma em campo de semeadura. Cada olhar lançado da tela atua como semente que interpela o espectador, convidando-o a pensar a arte como ato político e a política como arte da sobrevivência. Reflorir é fazer da própria ideologia uma flor em permanente desabrochar, movida pelo desejo de transformação. Frida ressurge na contemporaneidade como mito fértil, capaz de atravessar tempos e corpos e de cultivar, em cada camada, a coragem de florescer como quiser.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Ideologia, 2021

Acrílica sobre tela | 139 x 94cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



ADRIANA SCARTARIS

São Paulo-São Paulo | Brasil

✉ @adrianascartaris.arte

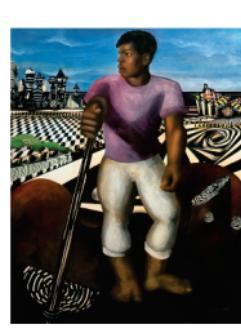
Ao revisitar *O Lavrador de Café*, de Cândido Portinari, busquei acolher sua herança e fazê-la florescer em meu próprio território visual. O lavrador permanece em postura firme, guardando dignidade e resistência, enquanto o entorno se abre em camadas geométricas, ritmos ópticos e cores que anunciam uma paisagem simbólica. Entre memória e invenção, a tradição se renova como campo fértil, oferecendo ao trabalho agrícola também uma dimensão poética.

Minha intenção foi expandir a figura do trabalhador, transformando-o em arquétipo de continuidade e reinvenção. A intensidade cromática da camisa e da calça, os pés cravados na terra e a vastidão gráfica do horizonte reforçam sua vitalidade e o projetam como imagem de ancestralidade e de futuro. Grafismos e contrastes cromáticos reconstroem o espaço, convertendo-o em paisagem interior onde lembrança e imaginação se entrelaçam em novas narrativas de pertencimento.

Nesse processo, comprehendo o ato de reflorir como ressignificação. O lavrador, ao encarar o horizonte, cultiva o solo e também o tempo, multiplicando possibilidades. Raiz e expansão, semente e colheita, lembrança e promessa se fundem na sua presença. Ao retomar essa figura emblemática da arte brasileira, encontro um caminho para afirmar minha própria identidade, transformando tradição em impulso criador. *O Lavrador de Café* é, para mim, um convite a reconhecer que cada ciclo guarda sempre a potência de florescer outra vez.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



O Lavrador de Café, 2023

Acrílica sobre tela

80 x 65cm

Série Grandes Mestres - Homenagem a Cândido Portinari

Obra participante do Salão de Arte da 48ª

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



ADRIANA SCARTARIS

São Paulo-São Paulo | Brasil

@adrianascartaris.arte

No trabalho *No topo da Montanha*, busquei traduzir o instante em que corpo e espírito se confrontam com o limite e encontram revelação. O retrato, atravessado por cores intensas e contrastes radicais, expressa simultaneamente energia e fragilidade. Tons de amarelo incandescente, azul profundo, roxo sombrio e vermelho em chamas se alinham como metáforas de estados internos, condensando emoções que se acumulam até explodirem em grito. Essa face não se apresenta como retrato convencional, mas como montanha interior erguida em cada um de nós.

Escalada simbólica se desenha na composição. O cume se afirma como território de dor e iluminação, lugar onde a solidão se converte em visão. Linhas duras e escolhas cromáticas intensificam a passagem: alegria e sofrimento, silêncio e explosão coexistem em tensão permanente. Camadas de cor sugerem pele que se recompõe, sementes que despertam em meio à rocha, lembrando que até a aridez pode abrigar germinação. A fisionomia ganha dimensão de metáfora do renascimento, condensando na dureza também a promessa de florescer.

Para mim, *No topo da Montanha* representa manifesto de resistência e transformação. Reflorir, nesta obra, significa aceitar que mesmo no ápice da dor ainda existe possibilidade de luz, que o grito pode se converter em canto e que o humano carrega potência para criar novos horizontes. Nesse cume residem coragem, revelação e entrega. Ao concluir esta pintura, comprehendi que reflorir é permitir que da secura brotem cores e do limite surja a força de florescer em qualquer cenário.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



No Topo da Montanha, 2024
Prova de Artista - 1/5 | Impressão
UV sobre HDF (High Density
Fiberboard) com moldura caixa
3cm freijó | 75x50cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



ADRIANA SCARTARIS

São Paulo-São Paulo | Brasil

✉ @adrianascartaris.arte

Em *O Torcedor*, busquei traduzir a intensidade de um instante em que corpo e emoção se confundem. Expandido por vermelho em brasa, azul profundo e amarelo vibrante, o rosto pulsa como nervo exposto, energia vital à flor da pele. O grito que explode da boca aberta converte-se em afirmação de vida, entrega e pertencimento. Linhas duras e cores chapadas registram a efemeridade desse momento, transformando-o em imagem permanente, como se cada traço fosse testemunho de uma força coletiva.

Figura central da cena, o torcedor assume caráter de arquétipo universal. Representa o humano que se entrega ao extremo da emoção, abandona a contenção e se lança por inteiro no presente. Na tela, essa intensidade se manifesta como transbordamento: olhos arregalados, marcas faciais e boca em erupção cromática. Surge, assim, como metáfora do ato criador, pois torcer significa acreditar, apostar no futuro, arriscar-se entre vitória e derrota. De modo semelhante ao artista, esse personagem se deixa atravessar pela experiência e dela sai transformado.

Considero *O Torcedor* um gesto de reflorir pela potência da coletividade. O grito solitário converte-se em coro, a emoção individual se conecta à energia de muitos. Reflorir, aqui, manifesta-se na capacidade de viver intensamente, de renascer em cada emoção compartilhada e de reconhecer que o humano floresce quando se abre à paixão. Ao concluir esta pintura, comprehendi que cada cor se expandia como pétala, compondo um rosto que celebra a possibilidade de existir com intensidade. Nesse espaço entre grito e cor, a vida encontra caminhos sempre renovados para florescer todos os dias.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



O Torcedor, 2024

Prova de Artista - 1/5 | Impressão UV sobre HDF (High Density Fiberboard) com moldura caixa 3cm freijó | 75x50cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



ALICE ADAS

Ribeirão Preto-São Paulo | Brasil

@alicem.adas

Em *Vaso de Flores*, Alice Adas apresenta uma celebração cromática da vitalidade. Pinceladas vigorosas e camadas sobrepostas constroem um jardim em expansão, que rompe os limites do vaso e ocupa toda a superfície. Manchas em amarelo radiante preenchem o fundo e instalam atmosfera solar, fazendo da tela um espaço atravessado por calor e claridade. Pétalas e folhas se confundem com respirações de cor, compondo uma sinfonia que mantém o olhar em movimento contínuo.

A proposta visual conduz o espectador além da contemplação imediata. O arranjo floresce sem rigidez, guiado pela espontaneidade do gesto, como se lembranças íntimas tivessem se tornado matéria pictórica. Traços quase coreográficos instauram ritmo que afirma a vida como fluxo abundante. Matizes se cruzam, texturas se multiplicam, e dessa fusão nasce a sensação de natureza projetada sobre a superfície. Detalhes isolados deixam de ser fragmentos e passam a integrar um organismo que vibra em plenitude.

No diálogo com o tema da exposição, *Vaso de Flores* afirma-se como metáfora do reflorir. As cores reveladas funcionam como sementes em despertar, lembrando que a arte possui o mesmo poder regenerativo da primavera. O vaso central indica equilíbrio e, ao mesmo tempo, abre espaço para expansão, sustentando o conjunto enquanto a vida se projeta para fora de seus limites. Alice Adas transforma o cotidiano em celebração pictórica e oferece ao público a experiência de cultivar em si a coragem de florescer em qualquer estação.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Vaso de Flores, 2022
Acrílica sobre tela
50 x 100cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



ANA DE ANDRADE

São Paulo-São Paulo | Brasil

@arteana

O Vaso é memória que pulsa. A explosão cromática inicial e o lúdico das formas circulares conduzem o olhar para além da superfície, revelando lentamente uma estrutura emocional densa, na qual o amarelo estampado por círculos quase infantis sustenta um buquê efusivo de flores do campo. Reminiscência do gesto paterno de colher e depositar flores na cozinha, em silenciosa coreografia de afeto, a pintura resgata esse gesto mínimo como potência poética: flor entregue, silêncio partilhado, desenho que brota como resposta.

Ao relembrara chave de leitura de Manoel de Barros — o homem do avesso, que fala pouco, mas habita universos delicados — a obra intensifica sua inversão de grandezas: o pequeno que se faz imenso, o simples que contém o sublime. O vaso, pela sua translucidez frágil, adquire caráter de altar, não decorativo, mas doméstico: espaço de memória, herança e permanência onde a artista transforma lembrança em linguagem e emoção em superfície pictórica, reafirmando que a pintura não se dá somente sobre a matéria, mas também sobre o tempo.

Na exuberância desajeitada do buquê e no exagero proposital do vaso reside a birutice amorosa de quem transforma a ternura em permanência. O gesto do pai, a presença da mãe, a infância que se prolonga no traço: tudo se condensa nesse objeto que a artista não sabe onde colocar, porque não é vaso de ornamento, mas relicário de afetos. O Vaso torna-se altar da delicadeza e da memória, reafirmando a arte como forma radical de existir e reflorir.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



O Vaso, 2025
Acrílica e colagem sobre voil
170 x 90cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



ANA DE ANDRADE

São Paulo-São Paulo | Brasil

@arteana

Em *Metaverso*, Ana de Andrade constrói uma poética baseada na tensão entre presença e ausência, instaurando uma fronteira sensível entre o real e o virtual. Duas figuras femininas compartilham o espaço da tela e, embora unidas pela mesma paleta cromática, afirmam linguagens distintas: uma delas tem o rosto encoberto pela própria mão ornamentada, enquanto a outra se apresenta em feições minuciosas, quase fotográficas, moduladas por recursos digitais. Essa estrutura revela um campo de hibridismo, no qual pintura e tecnologia se entrecruzam para problematizar identidade, subjetividade e representação na contemporaneidade.

O olhar da personagem de traços nítidos, dirigido ao espectador, adensa a narrativa, instaurando um espaço de inquietação. A figura vizinha, desprovida de face, torna-se instância do indeterminado, fragmento que tensiona a noção de unidade e abre passagem ao simbólico. Entre ambas, estabelece-se uma trama de forças que traduz o impacto do metaverso: realidades sobrepostas, gestualidades em dissonância, multiplicação de presenças que desafiam noções tradicionais de corpo e de memória. Nessa interseção, a artista opera uma experimentação crítica, explorando as fissuras onde a subjetividade se reconfigura.

O diálogo com Reflorir emerge na perspectiva de reinvenção que a obra propõe. O florescimento aqui não se limita ao corpo físico, mas também se projeta como possibilidade de metamorfose em territórios virtuais, instaurando narrativas expandidas. Assim, Ana de Andrade afirma que cada identidade pode desdobrar-se em novas formas de existir, ora como presença afirmada, ora como ausência carregada de significação. É nesse fluxo entre materialidade e virtualidade que se inscreve a potência de recomeçar, fazendo da obra um convite à reflexão sobre o próprio gesto de florescer no tempo presente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Metaverso, 2022
Acrílica e colagem sobre tela
60 x 66cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



ANGELA CANABRAVA B.

Curitiba-Paraná | Brasil

@angela.canabrava.b

A série *Memórias Tecidas no Jardim do Tempo* apresenta quatro retratos femininos que se articulam como capítulos de uma mesma narrativa. Maria Silvéria, Severiana, Ângela e Juliana surgem circundadas por um jardim pictórico, onde flores instauram uma linguagem simbólica, convertendo-se em signos de memória, afeto e permanência. Cada rosto carrega marcas singulares e subjetividades que, ao mesmo tempo, ressoam coletivamente: envelhecimento, perda, transtorno bipolar e espectro autista tornam-se experiências visíveis de resistência e metamorfose. O espaço floral funciona como estrutura poética que entrelaça fragilidade e potência, sugerindo continuidade mesmo em cenários de ruptura.

Ao reunir essas personagens, Angela Canabrava B. elabora um painel de humanidades nas quais o fragmento individual se inscreve numa trama coletiva. Maria Silvéria afirma a maturidade como instância de sabedoria; Severiana instala a delicadeza da lembrança diante do Alzheimer; Ângela transforma a oscilação do transtorno bipolar em fluxo criador; Juliana projeta sua identidade luminosa frente às instâncias do TEA. As flores, nesse contexto, operam como emblemas de cuidado e esperança, reforçando a ideia de que cada existência encontra, no contato com o tempo, um modo próprio de reflorir.

Dispostas lado a lado, as obras deixam de ser somente retratos para constituir uma composição expandida, marcada pelo hibridismo entre memória íntima e narrativa coletiva. A artista propõe, assim, uma estética de partilha, onde cada rosto é semente, cada flor é promessa e cada lembrança se converte em possibilidade de renascimento. Nesse jardim simbólico, o reflorir adquire densidade crítica e se revela como instância permanente da experiência humana.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



**Maria Silvéria, Severiana,
Ângela, Juliana, 2024
Coleção Memórias Tecidas no
Jardim do Tempo | óleo sobre
tela | 80 x 60cm cada**

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



ANGELA CANABRAVA B.

Curitiba-Paraná | Brasil

◎ @angela.canabrava.b

Em *Tayná*, Angela Canabrava B. constrói uma poética visual na qual a figura feminina afirma-se como guardiã da memória e da natureza. A personagem, de postura ativa e olhar sereno, surge envolvida por uma paleta intensa que sugere vitalidade e ressonância com o mundo tropical. Vestido estampado, adornos de ancestralidade e o cesto entreaberto com peixe e flores compõem uma iconografia que ultrapassa a esfera individual e se projeta como identidade coletiva. Essa estrutura instaura um território de enraizamento, no qual tradição e contemporaneidade se encontram em equilíbrio.

O gesto de sustentar o cesto junto ao peito traduz cuidado e permanência. Como signos que se complementam, peixe e flores convergem em narrativa de abundância. A presença se converte em eixo simbólico entre o humano e o natural, articulando temporalidade e continuidade cultural. Há no semblante uma determinação tranquila que aponta para o horizonte como promessa e destino, revelando que o florescer pode ocorrer tanto nos rituais cotidianos quanto nos processos que atravessam gerações.

Nesta obra, reflorir significa afirmar a vitalidade de uma herança que se mantém ativa e se reinventa. A cor, em estado quase celebratório, projeta a pintura como linguagem de renovação, instaurando um espaço no qual mito e contemporaneidade coexistem. *Tayná* se apresenta como território e memória, configurando-se não somente como retrato, mas como instância arquetípica capaz de inscrever permanência e reinvenção no tempo presente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Tayná, 2024

Impressão UV sobre HDF
(High Density Fiberboard)
com moldura caixa 3cm
freijó | 75x50cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



CHERRY WATANABE

Ribeirão Preto-São Paulo | Brasil

@tcherynawt

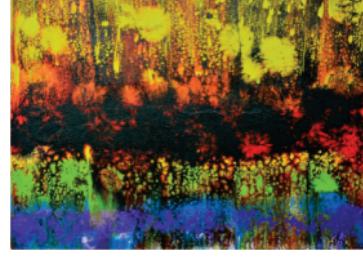
Em *A Magia da Primavera*, Cherry Watanabe constrói uma experiência pictórica na qual cor e gesto atuam como pulsação vital. Sobre a superfície, amarelos, vermelhos, verdes e violetas se sobrepõem em camadas que instauram ritmo próprio, convertendo o plano em território de intensidade cromática. Manchas e respingos distribuem-se em cadências irregulares, sugerindo simultaneamente jardins em desabrochar e atmosferas festivas; o olhar é convocado a percursos de imersão contínua. Texturas líquidas e dispersões de pigmento instauram profundidade sem recorrer à figuração.

Na composição, contrastes ampliam a percepção de expansão. No centro, escurecimentos em tensão com matizes incandescentes instauram simbolismo de passagem: da sombra nasce claridade que anuncia o ciclo primaveril. Tal encontro evidencia potência regenerativa e indica que renascer supõe atravessar períodos de silêncio. Seu gesto pictórico demonstra intencionalidade e liberdade, configurando linguagem que se recompõe a cada fragmento cromático. Ritmo, densidade e pausa constroem perspectiva temporal que afina a leitura da superfície.

Neste trabalho, reflorir assume dimensão de encantamento. Vitalidade cromática confirma que a experiência reencontra fôlego mesmo após a aridez. Cherry Watanabe apresenta a primavera como vivência partilhada: instante em que a arte se torna jardim e a cor converte-se em promessa de renovação. Ressonância cromática articula memória e desejo, convertendo a contemplação em gesto de presença.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



A Magia da Primavera,
2025
Acrílica fluída sobre tela
- moldura canaleta em
madeira | 50x70cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



CHERRY WATANABE

Ribeirão Preto-São Paulo | Brasil

@tcherynawt

Em *Sou Primavera*, Cherry Watanabe propõe uma explosão cromática que se apresenta como nascimento e afirmação. No centro da superfície, um núcleo vermelho incandescente pulsa em direção ao olhar, cercado por manchas douradas que sugerem sementes em movimento. Em torno dele, áreas em verde e turquesa expandem-se como águas que nutrem e sustentam esse coração flamejante. A pintura, atravessada por gestos fluidos, instaura a sensação de organismo vivo, que respira, cresce e se abre em múltiplas direções.

Vigoroso contraste entre o vermelho intenso e a profundidade dos verdes e azuis constroem uma cena de renovação. Cada camada parece resultado de encontros entre forças opostas — fogo e água, terra e ar — que se entrelaçam para formar paisagem simbólica de fertilidade. O gesto pictórico mantém-se livre, quase orgânico, como se a tinta tivesse seguido seu próprio fluxo até se converter em imagem. Nesse processo, a obra adquire ritmo e densidade, transformando-se em metáfora da primavera: estado de expansão que atravessa tudo o que toca.

Nesta obra, o reflorir é anunciado como experiência total. Um núcleo ardente, que ocupa o centro, funciona como coração da estação, enquanto verdes e azuis reafirmam o frescor e a continuidade do ciclo. A pintura demonstra que cada cor é energia em movimento, cada traço é semente em abertura. Cherry Watanabe apresenta a primavera como experiência sensível, na qual a matéria pictórica se torna convite para sentir a força que faz a vida recomeçar.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Sou Primavera, 2025
Acrílica fluída sobre tela
- moldura canaleta em madeira | 60 x 70cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



CHRIS ACYOLI

Rio de Janeiro-Rio de Janeiro | Brasil

@chrisacyoli

Em *Lilith*, Chris Acyoli modela o bronze como quem inscreve na matéria a potência de um mito ancestral. A figura feminina, de joelhos e tronco erguido, volta a cabeça para o alto em gesto de afirmação e liberdade. Intencional interrupção dos braços não enfraquece a forma; pelo contrário, acentua a tensão que percorre cada linha. Espirais de cabelo projetam-se como prolongamentos de energia vital, enquanto o rosto voltado ao céu guarda intensidade e desejo de ascensão.

A escultura articula sensualidade e espiritualidade em movimento contínuo. O bronze, denso por natureza, adquire leveza no modo como a presença parece buscar o ar. Texturas alternam polimento e rugosidade, reforçando a sensação de vida em ebulação. Lilith, tantas vezes associada ao interdito, aparece aqui como entidade que reivindica voz própria. Não é sombra, mas claridade que se afirma na recusa de um corpo a ser contido. Nesse gesto, o artista transforma o mito em símbolo de resistência e criação.

Nesta obra, refletir significa a potente insurgência da personagem que se ergue como semente que atravessou repressões e encontrou terreno fértil para florescer. A ausência dos braços desloca a potência para o olhar e para o movimento ascendente da cabeça. Ela anuncia que a beleza reside na coragem de existir com intensidade, mesmo quando a forma carrega marcas de incompletude. Chris Acyoli faz do bronze um lugar de fogo e memória, onde a primeira mulher se converte em emblema de renascimento e liberdade.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Lilith, 2020
bronze patinado
com base em granito
45x23x23cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



CHRIS ACYOLI

Rio de Janeiro-Rio de Janeiro | Brasil

@chrisacyoli

Em *Resistência Amazônica*, Chris Acyoli apresenta uma escultura-instalação que transforma o espaço expositivo em território ritual. A figura humana, moldada em argila, ergue-se como tronco que se abre para acolher a vegetação viva nascida de seu interior. Samambaias e bromélias irrompem do peito e da cintura, como se a matéria fosse floresta em expansão. Uma base de madeira carbonizada sustenta a obra e carrega a memória do fogo, lembrando que da destruição pode nascer germinação. Ninhos de pássaros completam a cena e instauram um campo simbólico onde vida, morte e renascimento se entrelaçam.

O conjunto convida o público a olhar de cima para baixo, como quem se aproxima de uma clareira aberta no coração da mata. A ausência de braços e cabeça desloca a potência para o tronco, espaço de acolhimento da natureza que nele se instala. Plantas em vitalidade crescente atuam como testemunhas de uma Amazônia que persiste, mesmo diante das queimadas e da devastação. O gesto escultórico encontra o eco da própria floresta, fundindo matéria artística e matéria orgânica em um organismo único.

Nesta obra, reflorir afirma-se como resistência. A madeira queimada deixa de significar fim e torna-se solo fértil onde raízes encontram passagem. O corpo de argila, poroso e aberto, acolhe a vegetação como quem preserva segredo antigo. Ninhos ao redor reforçam a metáfora: cada ovo, cada filhote, cada promessa de voo é sinal de continuidade. Chris Acyoli transforma a dor da mata em imagem de persistência e oferece, com essa criação, um testemunho de esperança — a Amazônia que resiste é também a humanidade que se reinventa.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Resistência Amazônica,
Cerâmica esmaltada em
raku sobre tronco de
árvore queimado, com
resíduos de queimada
65 x 17 x 37cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



CLARA AFONSO

Castelo Branco | Portugal

@claraafonso.art

Em *(dis)CONNECTED*, Clara Afonso reúne quatro pinturas que exploram o azul como campo simbólico. Cada tela guarda atmosfera própria e, ao mesmo tempo, estabelece diálogo com as demais, formando narrativa fragmentada. Profundidades cromáticas, texturas densas e marcas gestuais compõem superfícies que remetem tanto à vastidão celeste quanto à imensidão marítima. Pequenos quadrados em vermelho e amarelo irrompem como sinais, lembrando que mesmo em territórios de continuidade existem fissuras de encontro, rupturas e possibilidades de comunicação.

Azul profundo, trabalhado como território afetivo, revela memórias e percepções que se condensam. Em determinadas telas, a cor se mostra rarefeita e atravessada por áreas claras que sugerem respiro; em outras, ganha intensidade opaca, como se guardasse camadas de silêncio. Os fragmentos cromáticos introduzem presenças que interrompem o fluxo monocromático, instaurando intervalos visuais que convocam à atenção. Com gesto pictórico que denota simultaneamente movimento expansivo e contenção, a artista investiga estados internos em permanente transformação.

Nesta série, proximidade e distância se articulam em reflexão sobre presença e ausência. O azul funciona como fio de ligação entre as telas, enquanto os fragmentos coloridos marcam o lugar da diferença e do possível diálogo. Reflorir, nesse contexto, significa reconhecer que mesmo no espaço aparentemente contínuo sempre surgem algumas frestas por onde a comunicação se renova. Clara Afonso apresenta a pintura como território de conexão, mostrando que o isolamento pode converter-se em encontro quando atravessado pela força da cor e pela delicadeza do gesto.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



(dis)CONNECTED, 2023

4 peças, 75cm x 50cm cada, originais em acrílica sobre papel - P.A. 1/5 versão impressa em UV sobre HDF com moldura em madeira clara.

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



CRISTTINA

Fortaleza-Ceará | Brasil

@cristtinapacheco

Em *ALWAYS POPPIES*, Cristtina constrói uma poética cromática na qual o vermelho das papoulas irrompe sobre azul intenso e estabelece a paisagem como campo de intensidade. Contraste assumido entre figuras botânicas e fundo suspenso sugere expansão para além do enquadramento. Variações de escala e posição imprimem à composição um fluxo contínuo, como se a iconografia floral gravitasse no espaço. A pintura se afirma como experiência de imersão e convoca o olhar a percursos rítmicos guiados pela gestualidade.

Repetição deliberada dos motivos subverte a monotonia ao introduzir pequenas diferenças de forma e tonalidade, articulando singularidade e ideia de conjunto. Certas flores se abrem em plenitude, enquanto outras permanecem em latência, sustentando a narrativa do ciclo. Vermelhos pulsantes funcionam como materialidade energética, enquanto o azul amplia a perspectiva e intensifica a respiração do plano. A composição equilibra ritmo e leveza, entregando estrutura ao campo pictórico com intencionalidade.

Nesta obra, o reflorir aparece como processo de permanência e renovação, entendido como experiência sensível do tempo. Papoulas convertem-se em metáfora de vitalidade e resistência, articulando memória coletiva e identidade em chave contemporânea. Recurso da repetição atua como linguagem e organiza a significação do conjunto, deslocando a série do decorativo para uma trama simbólica. O título em inglês reforça continuidade, enquanto a superfície propõe que cada florescimento seja também gesto de esperança.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



ALWAYS POPPIES, 2024
Versão impressa em UV sobre
HDF (High Density Fiberboard)
moldura caixa 3cm perfil
amadeirado | 75x50cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



EVELYN GONORETZKY

São Paulo-São Paulo | Brasil

✉ @obrasabstratasdaevelyn

Em *Respatia*, Evelyn Gonoretzky articula uma rede de figuras delineadas em preto, atravessadas por linhas que instauram vínculos e tensões. As presenças, multiplicadas na superfície, oscilam entre sombra e projeção, revelando um tecido humano em expansão. O campo visual organiza-se como trama pulsante, em que cada gesto convoca outro, desenhando cartografia viva de interdependências.

O título, nascido da fusão entre respeito e empatia, intensifica a dimensão coletiva da obra. As figuras emergem frágeis e firmes ao mesmo tempo, sustentadas por traços que parecem manter o equilíbrio entre leveza e densidade. Essas conexões configuraram um espaço partilhado, mais próximo de constelação que de ordem fixa, em que distâncias e proximidades coexistem no mesmo fluxo. O suporte, nesse contexto, não é cenário, mas território de relações.

Reflorir aqui afirma-se como um reencontro de multiplicidade e comunidade que convergem em imagem que transforma vínculos em possibilidade de renascimento. Linhas que poderiam sugerir contenção revelam-se como instâncias de cuidado, oferecendo ao olhar a ideia de uma coletividade que floresce em movimento contínuo. Nesse emaranhado de formas e trajetórias, a obra sugere que o sentido do humano se escreve no entrelaçamento das presenças..

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Respatia, 2024

Mista: textura e colagem
de tecido impresso com
imagem gerada por IA
sobre tela | 50x70cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



HENRIQUE AZEVEDO

Salvador-Bahia | Brasil

© @henriqueazevedoba

Em *Vaso de Flores Bahianas 01*, Henrique Azevedo encena a possibilidade do encontro entre tradição e contemporaneidade. Protagonista, a mulher de olhar firme e postura serena se projeta diante de um mar que carrega travessias e memórias ancestrais. Vestida em cores vibrantes, converte-se em eixo de uma narrativa que une corpo e símbolo. À sua frente, o vaso verde transbordando flores multicoloridas prolonga sua identidade e instaura metáfora de vitalidade, como se o gesto de existir se ampliasse em linguagem botânica.

O arranjo floral convoca um espetáculo cromático em que rosas, dália, girassóis e outras espécies se cruzam em cadência orgânica. Não somente diversidade, mas também ritmo e densidade emergem, como se cada cor instaurasse camada própria de significação. Um horizonte marítimo profundo amplia a cena e introduz a ideia de fluxo e permanência. A mão pousada junto ao vaso estabelece elo entre figura e natureza, sustentando a sensação de que ambas compartilham a mesma energia vital.

Em diálogo com o tema da exposição, a pintura afirma o reflorir em chave cultural e identitária. Celebra-se a mulher negra como portadora de herança e resistência, força atualizada no território da arte contemporânea. No cruzamento entre retrato e natureza-morta, o artista forja linguagem híbrida: jardim e corpo entrelaçam-se, vaso e presença confundem-se em mesma instância simbólica. Desse encontro nasce uma imagem de permanência e renovação, onde memória e futuro coexistem no gesto de florescer continuamente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Vaso de Flores Bahianas 01, 2024
Versão impressa em UV sobre
HDF (High Density Fiberboard)
moldura caixa 3cm perfil
amadeirado | 75x50cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



HENRIQUE AZEVEDO

Salvador-Bahia | Brasil

© @henriqueazevedoba

Em *A Paixão no Outono da Vida*, Henrique Azevedo entrega uma cena de máxima intimidade. Presenças nuas enlaçam-se num repouso atento; a respiração parece marcar o compasso do traço. Rugas, dobras e sulcos funcionam como a escrita da experiência, conferindo densidade à materialidade da pele e inscrevendo memória onde o olhar repousa. Semblantes que se tocam instauram uma zona de comunhão, território onde a palavra se recolhe.

Sépias condensados afinam a temporalidade do encontro, deixando uma luz crepuscular na superfície e a gestualidade contida desenha cadências lenta, quase musical; linha e sombra maturam como quem decanta um sentimento. Temporalidades distintas sobrepõem-se sem hierarquia, sustentadas por amparo recíproco, pela medida do toque, pela economia do espaço negativo em estrutura e fluxo que organizam massas, equilibram distâncias e fazem da proximidade um campo de forças.

Reflorir surge aqui como corrente subterrânea: algo que se prolonga no gesto, refaz vínculos e amplia presença. Abraço que acolhe com fragilidade e vigor e transforma a dupla em instância de permanência, não por ênfase sentimental, mas por disciplina do traço, intencionalidade e cuidado. A imagem preserva calor e sobriedade, ao mesmo tempo, a significação se deposita lentamente, como se cada linha guardasse um futuro e, diante dela, o tempo deixa de separar e passa a respirar junto.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



A Paixão no Outono da Vida, 2024
Versão impressa em UV sobre
HDF (High Density Fiberboard)
moldura caixa 3cm perfil
amadeirado | 90x60cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



HENRIQUE AZEVEDO

Salvador-Bahia | Brasil

© @henriqueazevedoba

Em *Vaso de Flor - Caixa 02*, Henrique Azevedo retoma a pesquisa do motivo floral para inscrevê-lo em território contemporâneo, fruto de uma trajetória que atravessa nove décadas e hoje se abre ao diálogo com a inteligência artificial. Aqui, um encontro entre gesto humano e cálculo digital transforma-se em linguagem plástica, situada entre a memória da tradição e a experimentação tecnológica. Gravada em caixa de acrílico, a obra ganha singularidade: a transparência e o brilho do suporte filtram a luz, instaurando camadas móveis de percepção.

Vertical em sua estrutura, o elemento principal da narrativa guarda texturas que lembram fibras vegetais ou superfícies de madeira. Sobre ele repousa uma profusão de folhas e flores em pulsação cromática, oscilando entre quentes, laranjas e verdes contidos, ocres terrosos e brancos de suspensão luminosa. O arranjo floral não se limita à imitação naturalista: revela-se como campo abstrato, lugar onde a imagem nasce do entrelaçamento entre criação manual e cálculo algorítmico. Nesse espaço híbrido, orgânico e tecnológico convergem em ritmo comum.

Vaso de Flor - Caixa 02 vincula-se ao tema da exposição ao propor o reflorir como gesto que ultrapassa fronteiras do tempo biográfico. Henrique Azevedo mostra que a vitalidade criadora não se esgota na maturidade; renova-se em contato com ferramentas que cada época oferece. Transparência do acrílico, vibração das cores e rigor construtivo convergem em testemunho de resistência e reinvenção com flores representadas que se erguem em uma caixa, lembrando ao olhar que a arte encontra sempre novas formas de nascer.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Vaso de Flor - caixa 02, 2025
Versão impressa "fine art"
sobre chapa de acrílico cristal
com montagem em caixa do
mesmo material | 30 x 30 x cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



HENRIQUE AZEVEDO

Salvador-Bahia | Brasil

© @henriqueazevedoba

Em *A menina e seus pássaros*, Henrique Azevedo constrói uma cena marcada por delicadeza e mistério. A figura central, de expressão serena e olhar profundo, surge cercada por aves que pousam ao seu redor como guardiãs de um território íntimo. Contraste entre pele clara, cabelos escuros e lábios vermelhos intensifica a presença feminina. As aves, variadas em cores e disposições, instauraram um coro visual que amplia a narrativa, insinuando diálogo contínuo entre personagem e forças que a acompanham.

Na escolha pela inteligência artificial como ferramenta criadora, a obra inscreve-se em território híbrido, onde gesto humano e cálculo digital se entrelaçam. Gravada em caixa de acrílico, a imagem adquire novas camadas: a transparência do suporte altera a percepção e faz da luz elemento ativo, atravessando a superfície e instaurando reflexos. Essa materialidade transforma o retrato em objeto translúcido, ícone contemporâneo que alia herança do retrato clássico a recursos tecnológicos do presente.

Reflorir manifesta-se aqui na presença dos pássaros, que condensam símbolos de liberdade, continuidade e desejo de voo. Cada ave parece guardar uma dimensão da menina, multiplicando sua identidade em vibrações distintas. Henrique Azevedo oferece uma imagem que ultrapassa o retrato individual e se abre como metáfora da vida em relação. Acrílico, luz e tecnologia convergem em intensidade, lembrando ao olhar que a arte permanece em renovação constante, sempre capaz de tocar o presente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Amenina e seus pássaros, 2024
Versão impressa "fine art"
sobre chapa de acrílico cristal
com montagem em caixa do
mesmo material | 30 x 30 x cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



IOLANDA TEIXEIRA

Lisboa | Portugal

 @iolandateixeirart

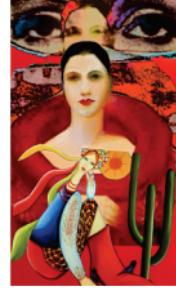
Em *Tarsila, pintar é libertar-se*, Iolanda Teixeira oferece uma homenagem vibrante a uma das grandes referências da arte brasileira. Uma cena complexa, que combina colagem e manipulação digital, compondo camadas que conduzem o olhar por símbolos e fragmentos de tempos distintos. No centro, o rosto sereno da figura feminina se projeta entre cores intensas, dominadas pelo vermelho, cor que pulsa como energia vital. Um título que enuncia o gesto de emancipação criativa e projeta presença tanto na trajetória de Tarsila quanto na proposta da própria obra.

Com narrativa visual que se estrutura no entrelaçamento de tradição e modernidade, a construção revela-se marcada por geometrias e contrastes cromáticos, convivendo em harmonia com cactos e paisagens que remetem ao imaginário de um Brasil profundo. A personagem feminina atua simultaneamente como musa, criadora e presença simbólica, carregando em si a multiplicidade de papéis que a arte pode assumir. Um olhar duplicado, inscrito no alto da tela, sugere desdobramentos perceptivos, como se a imagem permanecesse aberta a leituras em contínua renovação.

Reflorir, neste trabalho, surge como afirmação da pintura enquanto força libertadora. O vermelho dominante irradia intensidade, enquanto os demais elementos visuais instauram um universo celebratório da identidade cultural brasileira. Iolanda Teixeira, artista portuguesa, transforma a figura da artista brasileira Tarsila do Amaral em presença viva, mito de criação que continua a inspirar e provocar. Inscreve-se como gesto de resistência e liberdade, lembrando que pintar é sempre ato de reinvenção, permanência e florescimento.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Tarsila, pintar é libertar-se, 2024

Versão impressa em UV sobre HDF (High Density Fiberboard) moldura caixa 3cm perfil amadeirado tiragem 2/20 | 90x52cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



IOLANDA TEIXEIRA

Lisboa | Portugal

 @iolandateixeirart

Em *Primavera na Metropolis*, Iolanda Teixeira converte a geometria em campo de celebração e memória. Retângulos, quadrados e linhas verticais ou horizontais articulam-se em planos sobrepostos, configurando uma cidade abstrata em constante movimento. Entre essas estruturas, círculos em vermelho e laranja irrompem como astros ou flores, elementos que introduzem pulsação vital à racionalidade construtiva. Nesse gesto, a artista estabelece diálogo direto com a tradição modernista e presta tributo a Oswaldo Bratke, arquiteto que concebeu espaços abertos à experiência humana.

Potente cartografia da metrópole contemporânea se delineia na composição: sobreposições, passagens, cruzamentos e camadas em permanente tensão. Cores intensas instauram ritmo frenético que sugere energia, trânsito e fluxo. Rigor geométrico encontra respiro na organicidade dos círculos e nas transparências que permitem ao olhar atravessar os planos. O trabalho apresenta-se como negociação entre cálculo e vitalidade, ordem e expansão, como se cada linha ou cor carregasse a memória de uma arquitetura que se reinterpreta.

Primavera na Metropolis inscreve-se no tema da exposição como metáfora do reflorir urbano. A estação torna-se potência que invade o concreto e converte a cidade em organismo vivo, capaz de respirar em tempo presente. Iolanda Teixeira projeta homenagem e atualização: retoma o legado modernista e o faz renascer em chave contemporânea, onde arquitetura e natureza se entrelaçam. Assim, a metrópole surge como corpo coletivo em florescimento contínuo, memória de um passado criador que se abre como futuro.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Primavera na Metropolis - homenagem ao arquiteto Oswaldo Bratke, 2025
Versão impressa em UV sobre HDF (High Density Fiberboard) moldura caixa 3cm perfil amadeirado | 90 x 60cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



IOLANDA TEIXEIRA

Lisboa | Portugal

 @iolandateixeirart

Em *Primavera*, Iolanda Teixeira constrói uma explosão cromática que celebra a vitalidade da estação. Flores de múltiplas cores e dimensões espalham-se pelo espaço pictórico, instaurando uma paisagem vibrante, quase hipnótica, que envolve o espectador em oferta de cor e força de formas, convidando-o a mergulhar na energia de um florescer contínuo.

Um fundo quente e denso sustenta o primeiro plano de flores luminosas, suspensas como se permanecessem em movimento; a divisão central sugere reflexo e expansão infinita, instaurando uma simetria que amplia a percepção de continuidade. Ritmo, delicadeza e intensidade manifestam-se em cada detalhe, e as flores, multiplicadas em variações cromáticas, convertem-se em atmosfera festiva, na qual o ato de florescer se transforma em espetáculo visual.

Em sintonia com o tema da exposição, *Primavera* propõe o reflorir como experiência sensorial plena, com flores lembrando que a vida se renova em ciclos ininterruptos e que cada cor anuncia promessa de esperança. A superfície pictórica, intensa em vibração cromática, assume a forma de jardim simbólico, território de encantamento que reafirma a potência da criação e possibilita ao espectador encontrar uma estação transfigurada em vivência energética, estado de espírito que prolonga a ideia de continuidade.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Primavera, 2025

Díptico - versão impressa em UV sobre HDF (High Density Fiberboard) | moldura caixa 3cm perfil amadeirado 90 x 60cm cada

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



JAYME GUERRA

Itabira-Minas Gerais | Brasil

@jaymeguerra.arte

Em *A Luz do Obscuro*, Jayme Guerra apresenta uma escultura que se impõe como presença simbólica e ritual. O rosto, pintado em cores intensas e entrelaçado a estruturas verticais que lembram torres ou antenas, adquire a condição de totem contemporâneo. No topo, uma espiral cromática atua como emblema de energia em expansão, conduzindo o olhar para além da figura e instaurando movimento que combina força ancestral e imaginação moderna, instaurando uma configuração em que corpo humano e arquitetura se fundem em organismo simbólico.

Azuis, vermelhos, amarelos e verdes percorrem a superfície em vibração constante, criando áreas de tensão e equilíbrio, potencializadas por fragmentos pictóricos que compõem o rosto em sobreposição de camadas, sugerindo multiplicidade de vozes no mesmo corpo. A torre que se ergue acima do crânio acentua a verticalidade e intensifica a sensação de ascensão, enquanto os elementos laterais instauram passagens e conexões invisíveis, ampliando a leitura do conjunto. Tudo se articula como narrativa em que símbolo e forma perdem fronteiras e se convertem em linguagem visual unificada.

O reflorir manifesta-se na revelação de luzes que emergem do que parecia oculto na obra, revelando que o mistério guarda potência fértil, capaz de gerar novos sentidos e abrir perspectivas. Farol e enigma coexistem em sua presença, convidando à contemplação atenta e à esperança. *A Luz do Obscuro* afirma-se como metáfora de renovação, lembrando que a criação encontra sempre caminhos para florescer, mesmo em territórios de densidade.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



A Luz do Obscuro, 2024

90cm x 33cm x 20cm

Mista: isopor recoberto com camadas de gaze e mourim colados com cola PVA, pintura acrílica envernizada com verniz epóxi

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



LÍCIA VALLIM

Ribeirão Preto-São Paulo | Brasil

◎ @liciavallim.artist

Jardim de Cores I e II expande a pesquisa cromática de Lícia Vallim em diálogo com a herança impressionista. O diptico apresenta campos de cor que oscilam entre azuis profundos, vermelhos incandescentes e brancos luminosos, instaurando uma superfície vibrante onde o gesto pictórico constrói ritmo e intensidade. Cada pincelada atua como fragmento autônomo e, ao mesmo tempo, como parte de uma composição em fluxo, lembrando que a pintura é sempre encontro entre instante e duração.

A obra possui singularidade em sua estrutura: pode ser montada em diferentes posições, permitindo múltiplas leituras e renovando a percepção do espectador a cada rearranjo. Essa abertura ao movimento rompe a fixidez tradicional do quadro e aproxima a pintura de uma experiência quase performática, em que olhar e obra se transformam mutuamente. O deslocamento espacial faz com que a cor se reconfigure, revelando nuances inesperadas na relação entre luz e sombra, intensidade e silêncio.

No contexto da exposição, o diptico relaciona-se ao tema do reflorir ao propor que a pintura seja, ela própria, um organismo em constante metamorfose. Vallim não busca a mimese da natureza, mas a sua vibração interna, traduzida em camadas de cor que remetem ao florescimento contínuo. O diptico transforma a tela em campo aberto, onde cada reposicionamento é um renascimento, e cada olhar inaugura a possibilidade de uma nova primavera.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Jardim de Cores I e II, 2025
Acrílico sobre tela
diptico 100 x 100cm cada

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



MAZÉ ANDRADE

Recife-Pernambuco | Brasil

@artes_maze_andrade

Na escultura *Cara de Ovo*, Mazé Andrade transforma a forma primordial em território de símbolos. Moldada em cerâmica esmaltada, a peça surge como casca reveladora de um rosto feminino que guarda serenidade e mistério; sua superfície clara sugere pureza, enquanto feições delicadamente trabalhadas insinuam vida em potência. Esse silêncio projetado pela figura abre espaço para perguntas que não solicitam resposta imediata, como enigmas suspensos atrás do olhar fixo ou histórias ainda latentes no corpo arredondado que se oferece à contemplação.

O barro que lhe dá origem preserva a memória da terra e a marca do gesto humano, e, ao ser moldado, converte-se em corpo simbólico que atravessa a matéria e lança sentidos além do visível. A delicadeza aparente da casca convive com a resistência do esmalte, instaurando tensão que sustenta a figura feminina, enquanto olhos projetados em atenção e boca suavemente marcada mantêm o segredo de palavras não pronunciadas. Cada detalhe reforça a percepção de que a escultura atua como oráculo silencioso, guardando em si a potência das revelações.

No contexto da exposição, *Cara de Ovo* integra-se como metáfora do reflorir. O ovo, tradicionalmente associado ao nascimento, assume aqui o papel de altar contemporâneo, onde origem e futuro se tocam. A obra sugere que a arte pode oferecer respostas às questões que atravessam o tempo e, ao mesmo tempo, criar diferentes perguntas. Mazé Andrade transforma a simplicidade da forma em campo simbólico e oferece ao público uma imagem de permanência e renovação, gesto criador que acolhe o passado e projeta o porvir.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Cara de Ovo, 2022
Cerâmica esmaltada,
queimada até 1250 graus
20 x 20 x 22cm de altura

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



MAZÉ ANDRADE

Recife-Pernambuco | Brasil

@artes_maze_andrade

Mazé Andrade mergulha nas profundezas simbólicas do oceano e apresenta em *Tesouros do Mar* uma figura híbrida, onde corpo feminino e criatura marinha se entrelaçam em gesto de metamorfose. A cena evoca mito e origem: mulher que desliza nas águas trazendo no ventre pequenas formas em gestação, sinais de continuidade e promessa de vida. Essa fusão não descreve somente um ser fantástico, mas convoca o imaginário do oceano como espaço de nascimento e reinvenção, lugar no qual o feminino se amplia até se tornar gerador.

Curvas sinuosas percorrem a superfície da gravura em ritmo que lembra ondas em permanente deslocamento, sustentadas por linhas vigorosas que moldam o contorno da personagem. Contrastos de claro e escuro intensificam a tensão interna da imagem, enquanto o fundo azul instaura atmosfera de silêncio e suspensão. Texturas marinhas insinuam presenças discretas e reforçam a percepção de movimento incessante, de fluxo que se prolonga além da borda da obra. Gesto gráfico e densidade cromática convergem em cadência quase respiratória, como se a água compartilhasse fôlego com a figura.

No conjunto da exposição, *Tesouros do Mar* afirma-se como metáfora do reflorir na união entre humano e marinho e anuncia o renascimento que atravessa fronteiras de espécie e de tempo, instaurando território fértil para memória e imaginação. Força e delicadeza encontram-se nesse corpo transformado em oceano gerador, visão lírica do feminino expandido em potência criadora. A gravura oferece ao espectador a experiência de contemplar o mistério das profundezas convertido em imagem de permanência, lembrando que a vida, mesmo oculta, encontra sempre caminhos para retornar à superfície como tesouro revelado.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Tesouros do mar, 2024
Versão impressa em UV sobre
HDF (High Density Fiberboard)
moldura caixa 3cm perfil
amadeirado | 50x75cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



OLINDA MOTA

Leiria | Portugal

© @olindamota_atelier

Em *Presença*, Olinda Mota constrói um campo visual em que cor, luz e movimento se entrelaçam em dinâmica vibrante. Tons de azul profundo instauram atmosfera aquática e celestial, sobre a qual se projetam vermelhos e laranjas incandescentes, como se a tela oscilasse entre fogo, céu e mar. Entre esse emaranhado cromático, formas circulares surgem como astros ou lâmpadas acesas, irradiando energia para além da superfície. Linhas sinuosas atravessam a composição e insinuam contornos reconhecíveis — uma figura humana reclinada, um pássaro em voo — aparições que se deixam ver somente para voltar a se dissolver na trama abstrata.

A obra organiza-se pela justaposição de planos geométricos e gestos orgânicos. Retículas instáveis, quase arquitetônicas, convivem com curvas fluidas que escapam da contenção do espaço e desenham percursos de liberdade. O branco, aplicado em áreas difusas, age como respiro e como claridade, intensificando a vibração cromática ao redor. Nesse jogo de tensões, figura e abstração deixam de ser instâncias opostas e compõem um mesmo organismo visual, feito de fragmentos que se recombina em ritmo contínuo.

No contexto da exposição, *Presença* manifesta-se como metáfora do reflorir já a partir do título que anuncia a força do que insiste em permanecer: corpo, memória, pássaro ou luz, cada forma sugerida é também energia que se renova no encontro entre cálculo e fluidez, geometria e símbolo, reafirmando a vitalidade da criação como gesto de resistência e lembrando que a arte pode transformar fragmentação em unidade. Olinda Mota oferece ao público uma imagem a ser decifrada com a experiência de uma presença que se expande no tempo e floresce como claridade no espaço.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Presença, 2024

Versão impressa em UV
sobre HDF (High Density
Fiberboard) | moldura caixa
3cm perfil amadeirado
50 x 75cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



OLINDA MOTA

Leiria | Portugal

@olindamota_atelier

Em *Harmonia do Caos*, Olinda Mota constrói uma tessitura cromática na qual o excesso se organiza como ritmo e a instabilidade se converte em linguagem. Vermelhos intensos e azuis profundos dominam o campo, criando uma atmosfera vibrante que oscila entre tensão e encantamento. Entre manchas, linhas e fragmentos geométricos, emergem figuras reconhecíveis: pássaros, peixes, rostos que se insinuam e desaparecem, presenças que se deixam capturar somente por instantes, convocando o olhar a decifrar o indizível.

A superfície da tela respira em camadas sucessivas. Pinceladas rápidas e gestos largos se cruzam com tramas gráficas, instaurando percursos visuais que multiplicam direções e sentidos. O olhar desliza entre o voo e o mergulho, acompanhando aves que atravessam o espaço e criaturas aquáticas que parecem nadar em meio a correntes invisíveis, enquanto fragmentos de arquitetura e grafismos urbanos reforçam a ideia de simultaneidade: cidade e natureza coexistem em turbilhão pictórico, onde cada elemento ocupa seu lugar sem se anular.

No conjunto da exposição, *Harmonia do Caos* manifesta-se como metáfora do reflorir, sugerindo que da desordem pode nascer equilíbrio, e que mesmo o excesso guarda cadências capazes de engendrar novas formas de vida e imaginação. Olinda Mota apresenta o caos subvertendo a ideia de ruptura definitiva e transformando-o em matriz fértil em permanente expansão, onde memória e desejo encontram espaço comum. Entre cores, gestos e aparições fugidias, a pintura afirma que florescer é também aprender a habitar o movimento incessante do mundo.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Harmonia do Caos, 2024
Acrílica e pastel de óleo
sobre tela - versão impressa
por sublimação sobre tecido
chiffon | 400 x 140 cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



OLINDA MOTA

Leiria | Portugal

@olindamota_atelier

Em *A Cor da Utopia*, Olinda Mota constrói uma superfície onde a intensidade cromática se converte em território visionário. Vermelhos, amarelos e azuis se entrelaçam em fragmentos que parecem escapar da contenção da tela, instaurando um espaço pulsante, quase em estado de ebulação. Entre manchas e linhas, figuras se insinuam: aves em voo, rostos suspensos, personagens que atravessam a composição como aparições fugidas. Nada se fixa por completo; a cada olhar, a pintura sugere novas presenças, como se a utopia fosse precisamente o exercício de ver além do imediato.

O ritmo da obra nasce do cruzamento entre gestos livres e estruturas gráficas com pinceladas largas, traços entrecortados e transparências, construindo percursos que ora avançam em direção ao espectador, ora se recolhem em planos interiores. Fragmentos geométricos se alternam com curvas orgânicas, gerando cadências que aproxima o olhar do caos, mas que, ao mesmo tempo, oferece respiros em zonas de cor clara. Composição que funciona como mapa instável, onde caminhos se abrem sem destino certo, sustenta a ideia de que a utopia não é ponto de chegada, mas processo em expansão.

No contexto da exposição, *A Cor da Utopia* afirma-se como metáfora do reflorir quando sugere que cada cor, ao se multiplicar em vibração, carrega em si a promessa de um futuro possível. Entre aves, rostos e sinais dispersos, a pintura se converte em território fértil para imaginação coletiva, lembrando que a criação artística pode reinventar o mundo a partir daquilo que parece fragmentado. Olinda Mota oferece um convite à esperança: perceber no excesso e na instabilidade a potência de um florescimento que insiste em acontecer.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



A Cor da Utopia, 2024
Acrílica e pastel de óleo sobre tela - versão impressa por sublimação sobre tecido chiffon
400 x 140 cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



RENÉ AGOSTINHO

São Paulo-São Paulo | Brasil

@rene.agostinho_flow

Em *Perpetuidade*, René Agostinho projeta-se em autorretrato, corpo masculino suspenso em campo de escuridão que se abre como palco para a experiência do limite. O gesto dos braços estendidos, a cabeça inclinada ao alto e a tensão do tronco instauram imagem de entrega e de busca, como se o artista inscrevesse na própria pele a coreografia de sua permanência. A superfície azulada, marcada por contrastes de sombra e claridade, intensifica a sensação de suspensão, enquanto o braço tatuado funciona como escritura da memória, camada de identidade que transforma o corpo em arquivo vivo.

O espaço ao redor dissolve-se em preto absoluto, sem chão ou horizonte. Nesse vazio radical, o corpo flutua entre ascensão e queda, fragilidade e potência, instaurando ambiguidade que sustenta a obra. A tatuagem acrescenta ao gesto a dimensão do tempo: marcas gravadas na carne que não desaparecem, testemunhos de escolhas, afetos e histórias. No contraste entre músculos tensionados e a leveza da suspensão, a imagem se converte em território onde vulnerabilidade e resistência coexistem.

No contexto da exposição, *Perpetuidade* dialoga com o tema do reflorir a partir da ótica masculina, afirmindo que também ao homem é possível revisitar-se, reinventar-se, florescer em meio ao peso do silêncio. O autorretrato rompe estereótipos de virilidade rígida e abre espaço para pensar o corpo masculino como lugar de memória, fragilidade e criação. René Agostinho oferece, na figura suspensa, a experiência de um renascimento íntimo: o homem que se refaz no gesto de expor-se, tornando-se imagem de permanência diante da escuridão.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Perpetuidade

Prova de Artista - 1/5 | Impressão UV sobre HDF (High Density Fiberboard) com interferências em acrílica - moldura caixa 3cm | 90x60cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



RENÉ AGOSTINHO

São Paulo-São Paulo | Brasil

@rene.agostinho_flow

Em *Identidade & Preconceito VI*, René Agostinho se expõe em autorretrato que ultrapassa a simples representação para converter-se em investigação sobre corpo, vulnerabilidade e memória. O rosto masculino surge fragmentado, como se fosse composto por cacos de pele reconstruída, cada pedaço em tensão com o vizinho, num jogo de fissuras que revela a própria complexidade de existir. Olhos, em estado de vigília, sustentam a atenção do espectador e convocam-no a compartilhar da inquietação inscrita na obra.

A escolha da pele sintética como material simbólico acrescenta uma camada decisiva de leitura: não se trata somente de fragmentos visuais, mas da sugestão de um corpo refeito, recomposto em suas cicatrizes e superfícies artificiais. O gesto do artista, que oferece sua própria imagem como campo de experimentação, desloca limites do retrato tradicional e propõe uma visão expandida do humano, onde matéria, memória e artifício se misturam em novas configurações. Nesse processo, o autorretrato deixa de ser espelho e se converte em campo de investigação, espaço onde identidade e preconceito se inscrevem como marcas em contínua transformação.

No âmbito da exposição, *Identidade & Preconceito VI* dialoga com o reflorir ao afirmar que mesmo em territórios de dor e estigma surgem possibilidades de permanência e reinvenção. Uma identidade fragmentada não se fecha em ruína: rearticula-se em múltiplas presenças, insinuando uma vitalidade que insiste em permanecer. René Agostinho apresenta a masculinidade em chave crítica, abrindo espaço para refletir sobre fragilidade, preconceito e resistência. O resultado é uma imagem que, ao mesmo tempo, em que se expõe, se recompõe — gesto de coragem que floresce em meio às marcas do tempo e das experiências vividas.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Identidade & Preconceito VI
Acrílica sobre tela com aplicação
de pele sintética
50 x 40cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



RENÉ AGOSTINHO

São Paulo-São Paulo | Brasil

@rene.agostinho_flow

Em *Identidade & Preconceito V*, René Agostinho projeta a si em autorretrato que habita uma atmosfera cósmica, como se o corpo emergisse do horizonte entre o azul profundo e o vermelho incandescente. A figura masculina, cortada por uma faixa de sombra que divide o rosto em duas zonas, encara o espectador com firmeza, instaurando a sensação de que o olhar atravessa não somente a tela, mas também a densidade do espaço ao redor. A composição sugere que a identidade se constrói nesse limiar entre interioridade e vastidão, em permanente expansão.

Na construção da superfície pictórica, o caráter simbólico reforça a cena com o azul, pontuado por luminosidades que lembram constelações ou cidades distantes, ao mesmo tempo que envolve o corpo e o conecta a um território expandido, feito de memória e imaginação. O vermelho que domina o alto da tela atua como campo energético, instaurando atmosfera de crepúsculo ou aurora, instante em que o tempo parece suspenso. Nesse contexto, o autorretrato deixa de ser registro individual e assume condição cósmica, presença atravessada por forças que ultrapassam o próprio sujeito.

No conjunto da série, *Identidade & Preconceito V* se articula com o tema do reflorir ao propor que a experiência masculina também pode ser pensada como território de reinvenção e continuidade. O rosto sombreado indica estratificações, camadas que revelam complexidade e densidade do ser. René Agostinho se apresenta como corpo em trânsito, presença que se reconfigura, convertendo sua própria imagem em metáfora de uma vitalidade que floresce entre o íntimo e o universal.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Identidade & Preconceito V
Acrílica sobre tela com aplicação
de pele sintética | 70 x 50cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



RENÉ AGOSTINHO

São Paulo-São Paulo | Brasil

@rene.agostinho_flow

Em *Identidade & Preconceito IV*, René Agostinho dá continuidade à série de retratos investigativos, deslocando o foco para a figura feminina como campo de reflexão. O rosto surge fragmentado: parte central, enquadrado em traços rígidos, quase caricaturais, enquanto ao redor linhas sinuosas e manchas cromáticas expandem a forma. Esse contraste constrói a percepção de um corpo duplo — entre máscara e presença, aparência e interioridade — que se mantém aberto à interpretação.

A superfície pictórica pulsa em vermelhos, violetas e negros, cores que se entrelaçam em fios e veios como se fossem raízes ou cicatrizes. Fixo e penetrante, o olhar da personagem instaura tensão, lembrando ao espectador que o que ali se inscreve não é uma imagem, mas um campo de força. O enquadramento central, duro e geométrico, cria interrupção na organicidade do rosto, como se fosse um corte que revela camadas diversas da identidade da figura, que não se apresenta em unidade pacífica; ao contrário, é atravessada por fragmentos, por vozes que se sobrepõem e por uma energia que vibra além do contorno.

No contexto da série, *Identidade & Preconceito IV* amplia o campo de investigação ao incluir a representação feminina como parte da mesma trama crítica. O trabalho propõe pensar o reflorir também como exercício de deslocamento, em que cada corpo se reconhece nas suas fissuras e nelas encontra espaço de reinvenção. René Agostinho constrói uma imagem que, em vez de esconder as rupturas, as afirma como potência estética, inscrevendo como território de resistência, onde a presença feminina rompe a objetificação, tornando-se sujeito ativo da narrativa: fragmentada, intensa e em permanente florescimento.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Identidade & Preconceito IV
Acrílica sobre tela com
aplicação de pele sintética
50 x 40cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



RENÉ AGOSTINHO

São Paulo-São Paulo | Brasil

④ @rene.agostinho_flow

Em *Identidade & Preconceito III*, René Agostinho dá continuidade à sua investigação em torno do retrato expandido, apresentando um rosto feminino que emerge entre nuvens violetas. A figura aparece envolta por uma atmosfera etérea, como se estivesse em trânsito entre visibilidade e ocultamento. No centro, a faixa alaranjada que enquadrava os olhos rompe a delicadeza do conjunto e concentra a atenção, instaurando tensão entre suavidade e intensidade.

A materialidade pictórica revela esse jogo de presenças instáveis. Camadas de cinza e violeta se sobrepõem em transparências, criando um corpo quase espectral, ao mesmo tempo, frágil e luminoso. O olhar, preciso e firme, atravessa a tela como força que não se deixa dissolver, enquanto os contornos difusos sugerem um corpo em processo de reinvenção. Entre brumas e fragmentos cromáticos, a figura adquire caráter onírico, como se fosse memória prestes a se reconfigurar em nova forma.

No âmbito da série, *Identidade & Preconceito III* amplia o campo de reflexão ao propor o refletir em chave feminina. O rosto não se apresenta como imagem unificada e sugere uma superfície em transformação, marcada por suturas e camadas que revelam tanto o impacto do preconceito quanto a potência de resistir a ele. René Agostinho constrói aqui um retrato que assume a instabilidade como força, oferecendo ao público uma visão da identidade como processo contínuo, capaz de florescer mesmo em meio às nuvens que a tentam ocultar.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Identidade & Preconceito III
Acrílica sobre tela com aplicação
de pele sintética | 40 x 30cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



SANDRA BECKER

São Paulo-São Paulo | Brasil

① @sandrabecker

Em *Lâmina 35*, Sandra Becker articula uma crítica incisiva aos padrões de beleza e feminilidade cristalizados pela sociedade. Sobre um fundo azul-violeta aquarelado, corpos femininos aparecem em colagem e desenho, compondo um campo imagético que ironiza a ideia de "bom croqui". Silhuetas magras, seios empinados, coxas firmes e curvas idealizadas surgem como simulacros, expostos em sua artificialidade e distantes da diversidade real. O vazio central ocupa grande parte da superfície e converte-se em metáfora da ausência: espaço não preenchido pelas múltiplas corporalidades que permanecem invisíveis na arte e na mídia.

A justaposição de imagens tensiona formas e papéis sociais ainda atribuídos às mulheres, reiterando funções ligadas à submissão ao lar, à maternidade e ao desejo masculino. Harmonia e convivência entre desenho preciso, colagem, carimbos e manchas de acrílica reforçam a fragmentação do discurso visual, criando instabilidade formal que ecoa a instabilidade simbólica. Nesse território híbrido, o suporte revela-se como arena de confronto, onde diferentes camadas disputam sentidos sem jamais se fundirem em unidade.

No contexto da exposição, *Lâmina 35* conecta-se ao tema do reflorir ao propor a crítica como gesto de reinvenção, desmascarar padrões opressivos e abrir espaço para novas possibilidades de olhar o feminino, reafirmando que florescer também significa resistir às molduras restritivas impostas pelo desejo normativo. A criação de Sandra Becker, ao mesmo tempo que denuncia e reinventa, inscreve-se como espaço de libertação: lugar no qual a multiplicidade dos corpos encontra visibilidade e dignidade, subvertendo a lógica da exclusão.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Lâmina 35, 2025

Acrílica sobre papel telado,
colagem, caneta poska,
carimbos e caneta
37×52 cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



SANDRA BECKER

São Paulo-São Paulo | Brasil

@sandrabecker

Lâmina 20 integra a série em que Sandra Becker revisita desenhos didáticos de um antigo livro de ensino, inserindo neles outras camadas de presença e sentido. O fundo em azul difuso estabelece atmosfera de sonho, onde rostos femininos emergem em sobreposição: uma face marcada por traço acadêmico convive com imagens coladas que introduzem variações de cor, expressão e origem. Essa combinação revela o embate entre padrões herdados e presenças que insistem em se afirmar.

A colagem de figuras negras e brancas, associada ao uso de acrílica, carimbos e caneta, produz campo híbrido, no qual a materialidade do gesto se converte em comentário crítico. Cada camada funciona como fissura na narrativa dominante, reabrindo espaços de visibilidade negados. O olhar da personagem central, simultaneamente sereno e atento, intensifica a percepção de que a memória não é estática: ela se transforma quando atravessada por novas vozes.

No contexto da exposição, *Lâmina 20* conecta-se ao tema do reflorir ao reposicionar identidades e questionar quem pôde ser visto ao longo da história. Sandra Becker afirma a arte como lugar de revisão, onde o passado é reconfigurado pela inserção de presenças antes silenciadas, entregando como resultado uma imagem que celebra pluralidade e sugere que o florescimento também se dá quando o olhar social se abre para acolher múltiplas histórias e corpos.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Lâmina 20 Sobre a Memória e a Percepção, 2025
Acrílica sobre papel telado, colagem, caneta poska, carimbos e caneta | 37x52cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



TANIA MARTINS

São Paulo-São Paulo | Brasil

 @tuka_martins

Olhar para Tanabi inscreve-se como exercício de memória e pertencimento. Tania Martins parte da vibração cromática da cidade onde nasceu para transformar lembranças em superfície pictórica. O cotidiano doméstico reaparece reinventado, mesclando referências à decoração da casa, às toalhas bordadas, às cadeiras de plástico no quintal e ao chão vermelho da infância, que ressurgem em tonalidades vivas, convertendo-se em signos de uma afetividade que atravessa o tempo. A pintura supera a descrição da cena e cria uma atmosfera de celebração, onde o íntimo se converte em linguagem compartilhada.

Cores intensas se distribuem em ritmos orgânicos, sugerindo flores, folhas e arabescos que se multiplicam em camadas na composição que mistura fragmentos de formas reconhecíveis com manchas livres, instaurando simultaneidade entre estrutura e improviso. Cada detalhe pode assumir centralidade e o percurso do olhar não encontra hierarquia rígida, pois cada cor pode despontar como protagonista. Esse deslocamento da atenção transforma a pintura em campo de descobertas, onde o espectador é convidado a habitar a exuberância cromática como quem percorre um jardim inesperado.

No conjunto da exposição, *Olhar para Tanabi* relaciona-se ao tema do reflorir como afirmação da vitalidade que ressurge no contato com a própria origem. Tania Martins propõe revisitámemórias sem se enclausurar no passado e reinventa-o pela intensidade da cor e da forma. Essa criação sugere que a experiência estética pode ser também afirmação de pertencimento, reencontro com a cidade natal e, sobretudo, celebração de uma identidade que floresce ao transformar lembrança em imagem.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Olhar para Tanabi, 2024
Versão impressa em UV sobre
HDF (High Density Fiberboard)
moldura caixa 3cm perfil
amadeirado | 50 x 75cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



TANIA MARTINS

São Paulo-São Paulo | Brasil

 @tuka_martins

Sementes, flores e frutos VII afirma-se como campo pictórico em que cor, forma e ritmo se entrelaçam em celebração da vitalidade. Tania Martins recria na tela a energia dos ciclos naturais, traduzindo em fragmentos cromáticos o impulso de germinar e florescer. Quadrados, círculos e manchas coloridas se distribuem pelo espaço em cadência orgânica, apresentando simultaneamente o movimento das sementes espalhadas pelo vento e a exuberância dos frutos maduros.

A composição combina densidade e leveza com áreas compactas de cor que contrastam com passagens mais abertas, instaurando vibração que convida o olhar a percorrer a tela sem hierarquias. Tons de verde e azul sugerem fertilidade, enquanto amarelos e vermelhos instauram luminosidade e calor em cada detalhe. Do círculo branco multiplicado ao gesto largo que corta a superfície, os elementos funcionam como afirmação da potência criadora que brota da natureza e se prolonga na linguagem da pintura.

No contexto da exposição, *Sementes, flores e frutos VII* conecta-se ao tema do reflorir ao propor a arte como gesto de renovação. O trabalho de Tania Martins reafirma que criar é plantar, semear e cuidar de um espaço fértil onde memórias, afetos e símbolos se transformam em presença viva. A obra convida o espectador a perceber que o ciclo da natureza não se limita ao mundo físico: desdobra-se também na experiência estética, lembrando que florescer é, em essência, movimento contínuo de reinvenção.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Sementes, flores e frutos VII, 2019
Acrílico sobre tela | 100 x 100cm
com moldura

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



TANIA MARTINS

São Paulo-São Paulo | Brasil

@tuka_martins

Íris Vermelha apresenta-se como uma explosão contida de cor. Tania Martins concentra a pintura em um único elemento, transformando a flor em signo de intensidade e delicadeza, com pétalas amplas diluídas em vermelhos que se desdobram em variações rosadas e alaranjadas, revelando o gesto espontâneo da aquarela, técnica que permite transparência e movimento. No espaço branco que circunda a figura, instala-se a sensação de respiro, como se a imagem florescesse diante do olhar.

A obra, liberta da descrição minuciosa da espécie, traduz com sensibilidade sua vitalidade no vermelho, cor associada à paixão e à energia, e nas manchas que sugerem tanto ardor quanto fragilidade. Linhas suaves sustentam o caule e conduzem o olhar até as pétalas, onde a cor se concentra em intensidade quase pulsante. Essa economia de elementos ressalta a força cromática como protagonista, transformando a flor em metáfora de exuberância.

No conjunto da exposição, *Íris Vermelha* conecta-se ao tema do reflorir ao reafirmar a potência dos ciclos naturais. A escolha de uma única flor aponta para a singularidade de cada vida que insiste em renascer, enquanto a técnica aquosa sugere a impermanência e o fluxo que Tania Martins oferece ao público como experiência poética, em que cor e gesto revelam a beleza de florescer continuamente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Iris Vermelha, 2018
Aquarela e têmpera | 105 x 78cm
com moldura

Coleção da artista

TANIA MARTINS

São Paulo-São Paulo | Brasil

 @tuka_martins

Flor Amarela revela a intensidade luminosa da aquarela, linguagem escolhida por Tania Martins para explorar transparência, movimento e vibração cromática. A pintura concentra-se na expansão do amarelo que, ao se desdobrar em variações quentes de laranja e vermelho, cria um centro pulsante como se irradiasse luz própria, enquanto áreas de verde e violeta atravessam a composição sugerindo folhas, sombras e contrastes sutis. O gesto fluido conduz a cor em estado de respiração, instaurando atmosfera de vitalidade que se prolonga para além da superfície.

A figura floral aparece em metamorfose, sugerindo um estado ainda em formação, como se a imagem estivesse no próprio processo de nascer. Traços largos, manchas diluídas e respingos inesperados introduzem cadências rítmicas que aproxima a pintura de uma partitura visual, marcada por pausas e acelerações que intensificam a experiência do olhar. A flor se oferece como presença em expansão, cuja potência repousa na intensidade da cor e no movimento contínuo que atravessa a superfície.

No contexto da exposição, *Flor Amarela* relaciona-se ao tema do reflorir como afirmação da energia que ressurge em cada ciclo da natureza. A escolha de uma única flor amplifica a percepção de singularidade, lembrando que cada vida possui sua própria potência de florescer. Tania Martins convida o espectador a contemplar não somente a imagem de uma flor, mas a experiência poética de cores em movimento, metáfora da vitalidade que insiste em reinventar-se continuamente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Flor Amarela, 2018

Aquarela e têmpera | 105 x 78cm
com moldura

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



TANIA MARTINS

São Paulo-São Paulo | Brasil

@tuka_martins

Flor condensa em uma única imagem a potência expressiva da aquarela de Tania Martins. A composição se estrutura a partir da intensidade do vermelho, que ocupa quase toda a superfície em pétalas largas, moldadas por camadas de transparência que deixam ver nuances de laranja e rosa. Um círculo concêntrico em dourado, inscrito no centro, funciona como núcleo magnético da pintura, instaurando movimento hipnótico que conduz o olhar em espirais. Ao redor, manchas verdes e violetas instauram respiros cromáticos que equilibram a energia da flor.

O gesto pictórico se manifesta em manchas diluídas, escorrimientos e sobreposições que mantêm a sensação de processo em curso. Não há rigidez de contorno: a flor surge em estado de expansão, como se estivesse em transformação contínua. Essa instabilidade formal converte-se em linguagem, sugerindo que a vitalidade ultrapassa a definição exata da figura, para se revelar na energia que pulsa em cada mancha e em cada traço. A tela torna-se campo onde cor, gesto e transparência se entrelaçam em cadência orgânica.

No conjunto da exposição, *Flor* relaciona-se ao tema do reflorir como afirmação da vida em movimento. A escolha de um único elemento floral concentra a experiência, permitindo que o espectador perceba a intensidade do instante em que a cor se abre. Tania Martins propõe, assim, uma leitura da pintura como gesto vital, experiência poética na qual o florescimento, mais que um evento, é fluxo que insiste em se reinventar diante do olhar.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Flor, 2021

Aquarela e têmpera | 105 x 78cm
com moldura

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



TASSIA REIS

Lagarto-Sergipe | Brasil

@tassia_reisarts

Um Campo de Girassol convida à reflexão sobre perspectivas singulares que emergem quando o olhar se afasta da uniformidade. A menina retratada está cercada por flores sob um céu azul sereno, mas um girassol cobre um dos olhos e converte-se em núcleo da cena, instaurando diferença. Esse gesto visual sugere a beleza de enxergar o mundo de modo não convencional, reconhecendo na diversidade de percepções a riqueza da experiência humana.

O binóculo pendurado no peito da personagem acrescenta nova camada de significados. Objeto que amplia e redefine distâncias, ele remete a instrumentos que possibilitam compreender realidades por ângulos inusitados, explicita que diferença não é ausência, mas presença que se afirma como potência. Mais do que acessório, torna-se metáfora das ferramentas que cada indivíduo encontra para interagir com o mundo, lembrando que toda lente carrega a marca de quem a utiliza.

No conjunto da exposição, *Um Campo de Girassol* conecta-se ao tema do reflorir ao afirmar que cada modo de ver pode inaugurar ciclos de compreensão. Tássia Reis harmoniza a beleza da natureza com uma visão crítica da neurodivergência, sugerindo que aceitar o olhar singular é também ampliar o horizonte coletivo. O resultado é uma obra que transforma a delicadeza floral em metáfora de vitalidade e inclusão, reafirmando que florescer significa acolher multiplicidades.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Um Campo de Girassol, 2024
Óleo sobre tela 60 x 50cm

Coleção da curadora

TASSIA REIS

Lagarto-Sergipe | Brasil

@tassia_reisarts

O *Chamado da Primavera* apresenta uma figura feminina em atmosfera de encantamento, trazendo na cabeça uma coroa em forma de castelo e no corpo uma estrutura circular que abriga janelas cósmicas. Entre mãos e lábios, a flauta que emite som silencioso convoca a estação como se fosse ritual de renovação. À esquerda, um pássaro repousa e partilha do mesmo instante, como testemunha do chamado que atravessa o espaço da pintura.

A obra organiza-se em camadas simbólicas: o castelo coroado remete à imaginação como território soberano, as janelas inscritas no vestido mostram luas, estrelas e planetas que expandem a personagem para além do campo terrestre, e a música invisível sugere o poder de criar mundos pela força da arte. Cada detalhe atua como elemento narrativo, articulando fantasia, mitologia pessoal e sensibilidade poética. O fundo azul, pontuado por nuvens e árvores, ancora a cena em natureza florida, criando diálogo entre cotidiano e sonho.

No contexto da exposição, *O Chamado da Primavera* relaciona-se ao tema do reflorir como invocação da vida que retorna em ciclos. A personagem simboliza a artista que, ao tocar seu instrumento, mobiliza forças invisíveis capazes de despertar renovação e esperança. Tássia Reis oferece uma pintura que une lirismo e potência, propondo ao público não somente a contemplação de uma imagem, mas a experiência de ouvir, em silêncio, o chamado da estação que anuncia recomeços.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



O Chamado da Primavera , 2025
Óleo sobre tela | 60 x 50cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



VINICIUS DE PAULA

Cotia-São Paulo | Brasil

@depaula.vinicius

Raras e Banais #1 inaugura uma série em que Vinícius de Paula aproxima o feminino da flora, estabelecendo pontes entre efemeridade e permanência, fragilidade e potência. O rosto feminino, parcialmente coberto por uma íris azul que se abre como coroa e máscara, sugere a fusão entre corpo e natureza, na qual a flor não adorna a personagem, mas se funde a ela, instaurando território simbólico onde identidade e botânica compartilham da mesma pulsação vital.

A pintura articula contrastes de técnica: flores tratadas com aguadas que lembram aquarela e figura estruturada por camadas espatuladas em cores densas. Esse jogo formal traduz o diálogo entre delicadeza e força, ressonância poética e materialidade pictórica. O fundo turquesa amplia a sensação de suspensão, fazendo da personagem uma aparição etérea que se desloca entre realidade e mito. Na série, a presença da flor em escala desmedida transforma o retrato em metáfora daquilo que é simultaneamente raro e banal, cultivado e espontâneo.

No contexto da exposição, *Raras e Banais #1* conecta-se ao tema do reflorir ao propor que florescer não se limita ao espetáculo da raridade e sim, acontece também nos terrenos mais comuns. Instiga a ideia de que cada ciclo natural guarda mistério e intensidade, seja no jardim cuidado, seja na fenda de cimento. Ao fundir poesia visual e pesquisa sensível, Vinícius de Paula apresenta uma obra que traduz sentimentos em imagem, convidando o espectador a perder-se nos enigmas do que nasce, resiste e renova.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Raras e Banais #1, 2025
Acrílico sobre tela | 84 x 76cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



VINICIUS DE PAULA

Cotia-São Paulo | Brasil

@depaula.vinicius

Raras e Banais #2 dá continuidade à pesquisa de Vinícius de Paula, em que figuras femininas se fundem à flora como se dela fossem extensões. Nesta obra, uma flor exuberante, em tons de rosa e laranja, ocupa a cabeça da personagem como coroa e raiz, instaurando imagem de fertilidade e expansão. A flor subverte a função de adorno; cresce junto ao rosto e instaura sobre ele uma presença simbólica, lembrando que a natureza também habita o humano em suas dimensões mais íntimas.

A técnica combina espatulados densos no retrato e aguadas delicadas nas pétalas, criando uma oscilação entre matéria sólida e transparência. Essa escolha formal dá à flor um caráter de movimento contínuo, como se estivesse abrindo-se diante do olhar. O azul do fundo intensifica a luminosidade da cena, convertendo a figura em aparição vibrante, quase mítica, enquanto o rosto, sereno e frontal, dialoga com essa energia em expansão, reafirmando a força da personagem como entidade híbrida.

No contexto da série, *Raras e Banais #2* amplia a reflexão sobre o caráter duplo da flora: ora espetáculo de raridade, ora presença cotidiana. A flor-coroa sugere tanto a preciosidade ritual quanto a banalidade fértil de um ciclo que se repete incessantemente. Ao aproximar o humano da natureza, Vinícius de Paula cria imagens que traduzem sentimentos em formas visuais, reafirmando a arte como campo de empatia e como espaço em que cada rosto pode florescer em nova configuração.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Raras e Banais #2, 2025
Acrílico sobre tela | 60 x 60cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



VITÓRIA BARROS

Marabá-Pará | Brasil

@vitoriabarros.art

Revoada apresenta uma cena em que memória e imaginação se entrelaçam em imagens de forte carga simbólica. No primeiro plano, uma árvore de raízes firmes ergue-se como eixo do mundo, enquanto ao fundo um navio se dissolve em bandos de aves, metáfora da passagem do enraizamento ao voo. Essa transformação sugere deslocamentos históricos e existenciais, lembrando que todo fim contém em si o início de novos percursos.

As aves que se expandem pelo céu em múltiplas direções instauram atmosfera de liberdade e renovação, enquanto o fogo aceso junto às raízes acrescenta calor íntimo e sentido de vigília, em diálogo com o cesto repleto de cravos vermelhos que introduz a referência à Revolução dos Cravos em Portugal, tema que inspirou a construção desta obra. Reflexão que revisita a diáspora de tantos que deixaram sua terra natal em busca de futuro no Brasil, cada elemento, assim integrado, amplia as camadas de significação e conecta mitologia pessoal, memória coletiva e acontecimentos históricos em uma mesma tessitura simbólica.

No contexto da exposição, *Revoada* inscreve-se como metáfora do reflorir ao afirmar que a vida se transforma em movimento contínuo de partidas e retornos. Vitória Barros utiliza cores vibrantes e formas cuidadosas para criar uma cena de encantamento e densidade, onde permanência e mudança não se opõem, mas se prolongam em cadêncio comum. A pintura convida o espectador a refletir sobre a travessia humana e a força regenerativa que nasce do encontro entre raiz e horizonte.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Revoada , 2024

Mista sobre tela

100 x 100cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



VITÓRIA BARROS

Marabá-Pará | Brasil

@vitoriabarros.art

Floresta II apresenta um cenário em que a natureza se torna território de imaginação e mistério. Árvores monumentais ocupam a cena, suas copas luminosas em amarelo e verde formam um teto vibrante enquanto troncos sinuosos se alongam em direções diversas, como se pulsassem em movimento próprio. O chão, percorrido por raízes que se desdobram em curvas e espirais, instaura ritmo visual que transforma o espaço em organismo vivo, em permanente expansão.

Entre troncos e copas, aves atravessam o plano como sinais de liberdade e continuidade, reforçando a ideia de que a floresta é também passagem, não somente morada. Há uma sensação de fluxo constante, em que cada linha do desenho e cada variação cromática contribuem para criar atmosfera de sonho e imersão. A paleta de cores intensas — amarelos solares, verdes múltiplos, azuis profundos e violetas densos — ultrapassa a representação da natureza ao recriá-la como linguagem simbólica, capaz de traduzir tanto exuberância quanto recolhimento.

No contexto da exposição, *Floresta II* relaciona-se ao tema do reflorir como metáfora da força cíclica que habita os ecossistemas e, por extensão, a própria existência humana. Vitória Barros constrói uma paisagem que ultrapassa a representação do real, transformando-a em experiência poética onde permanência e mudança se confundem. A pintura convida o espectador a adentrar essa mata fantástica e a reconhecer, em sua densidade cromática e vitalidade orgânica, a promessa de renovação que pulsa em cada ciclo da vida.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Floresta II, 2024

Versão impressa em UV sobre HDF (High Density Fideboard) com moldura caixa 3cm perfil amadeirado | Prova de Artista (P.A. 1/5) | 75 x 50cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



VITÓRIA BARROS

Marabá-Pará | Brasil

@vitoriabarros.art

Eco do Grito apresenta uma cena de impacto em que arte e denúncia se entrelaçam. A figura central, de olhos roxos e boca aberta em expressão de espanto e desespero, retoma a célebre obra de Edvard Munch para inscrevê-la em outro contexto: a devastação ambiental. Atrás da personagem, a floresta em chamas transforma-se em pano de fundo trágico, instaurando atmosfera de urgência e lamento coletivo.

O céu turbilhonado em espirais verdes e azuladas transmite a sensação de que o ar também grita, queima e se agita diante da destruição. Árvores retorcidas sustentam o cenário com suas formas sinuosas, evocando resistência ao mesmo tempo, em que revelam fragilidade diante do fogo. Na personagem, adornos florais nos braços e vestimenta ritual sugerem ligação ancestral com a terra, como se a dor expressa fosse não somente pessoal, mas a de um povo inteiro que vê sua casa consumida pelas chamas.

No contexto da exposição, *Eco do Grito* conecta-se ao tema do reflorir paradoxalmente, lembrando que só haverá renascimento se houver consciência e ação. Vitória Barros transforma a apropriação de uma imagem icônica em manifesto ambiental, conferindo ao grito uma dimensão coletiva e contemporânea. A obra convoca o espectador a refletir sobre a urgência de preservar o que ainda resiste, apontando que a arte pode ser tanto memória do trauma quanto força de mobilização e esperança.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Eco do Grito, 2024

Versão impressa em UV sobre HDF (High Density Fideboard) com moldura caixa 3cm perfil amadeirado | Prova de Artista (P.A. 1/5) | 75 x 50cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



VITÓRIA BARROS

Marabá-Pará | Brasil

@vitoriabarros.art

Saracura apresenta um território imagético em que liberdade e enraizamento se entrelaçam como metáforas da condição humana. A artista parte da figura da saracura — ave que possui asas, mas não voa — para criar personagens híbridas, mulheres-aves em duas idades diferentes, cujos pés se confundem com raízes que as prendem ao solo. Esse gesto visual transforma a impossibilidade de voo em reflexão sobre limites, permanência e desejo.

No alto da árvore central, uma ave livre observa a cena, contrapondo-se à imobilidade das saracuras e instaurando tensão silenciosa entre aquilo que se almeja e o que se vive. A paisagem ao fundo, marcada por rios e florestas, amplia o horizonte, sugerindo que a liberdade está sempre próxima, mesmo quando não alcançada. O tratamento pictórico em azuis, verdes e violetas reforça a atmosfera onírica, em que natureza e figura humana se fundem em narrativa simbólica.

No contexto da exposição, *Saracura* relaciona-se ao tema do reflorir a partir da ideia de resistência e persistência. Tal como a flor que nasce na fresta do asfalto, as personagens enraizadas remetem à força presente no vínculo com a terra, enquanto a ave que as observa convida a imaginar futuros possíveis. Vitória Barros transforma a condição da saracura em metáfora da existência: mesmo diante das limitações, permanece a potência de florescer, resistir e reinventar o próprio lugar no mundo.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Saracura, 2023

Mista sobre tela | 90 x 90cm

Fineart sobre canvas 1/5

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



WANDERLEY BARRANCO

São Paulo-São Paulo | Brasil

◎ @wanderleybarranco

Flores para Mondrian propõe um encontro entre rigor geométrico e lirismo orgânico. A tela organiza-se em planos coloridos delimitados por linhas negras, clara alusão ao vocabulário modernista de Piet Mondrian, mas a ele se sobrepõe uma verticalidade inesperada: o caule escuro de flores brancas que atravessa a composição de ponta a ponta. O contraste entre a precisão dos quadriláteros e a delicadeza da flor inscreve-se como gesto de diálogo entre ordem e vitalidade.

A frase de Charles Baudelaire — “Feliz é aquele capaz de entender sem esforço a linguagem das flores e das coisas mudas” — introduz dimensão poética que expande o sentido da pintura. O poema sugere que o silêncio das formas contém significados tão eloquentes quanto as palavras, e que a arte tem o poder de tornar visível essa comunicação invisível. Cores vibrantes, distribuídas em faixas e blocos, instauram cadência rítmica que intensifica a tensão entre estrutura racional e presença simbólica.

No contexto da exposição, *Flores para Mondrian* relaciona-se ao tema do reflorir ao afirmar que, mesmo dentro da rigidez das estruturas, sempre existe espaço para o florescimento. Wanderley Barranco transforma a herança da abstração geométrica em campo fértil para a inserção da natureza, criando uma obra que une memória da arte moderna e potência lírica do presente. O resultado é uma imagem que celebra o encontro entre disciplina e sensibilidade, lembrando que o renascimento se revela também no diálogo entre opositos que se reconhecem.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Flores para Mondrian, 2020
Acrílico sobre tela | 120 x 20cm

Para informações personalizadas sobre a aquisição desta obra, acesse o QR Code.



WANDERLEY BARRANCO

São Paulo-São Paulo | Brasil

② @wanderleybarranco

O diptico de Wanderley Barranco articula palavra, cor e símbolo em uma proposta visual que dialoga com poesia concreta e com a herança da abstração geométrica modernista. Em +(mais) *Amor por Favor*, cores intensas e planos modulados sustentam inscrições gráficas que reivindicam afeto e respeito como valores urgentes. Entre corações, grafismos e palavras reiteradas, a tela apresenta-se como manifesto visual em defesa de uma ética do convívio, onde o amor é convocado para além do sentimento privado, como gesto coletivo.

Na segunda parte, ...*Porque é Primavera Sempre...*, flores brancas e delicadas brotam sobre fundo rosa, em meio à inscrição que sugere a estação como estado permanente de renovação. O recurso da repetição, central no trabalho do artista, opera aqui como afirmação de esperança, lembrando que cada primavera pode ser lida como metáfora da persistência da vida, mesmo em contextos adversos. A leveza cromática e o humor sutil presentes na frase expandem a força crítica da obra, aproximando-a do público por sua linguagem acessível e ao mesmo tempo carregada de densidade simbólica.

No conjunto, o diptico reafirma o tema do reflorir ao propor que tanto o amor quanto a primavera sejam compreendidos como forças contínuas e inesgotáveis. Wanderley Barranco transforma a geometria rigorosa em campo fértil para a palavra e para a flor, construindo uma pintura-manifesto que se inscreve como convite à partilha, à resistência e ao florescimento coletivo.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



+(mais)AMOR POR FAVOR, 2021

...PORQUE É PRIMAVERA sempre..., 2021

Acrílica sobre tela | 10 x 60cm cada

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



YARA DELAFIORI

Chavantes-São Paulo | Brasil

◎ @yaradelafiori

Fragmentos do Instante revela uma figura feminina em gesto contemplativo, como se colhesse no tempo a delicadeza de algo que está prestes a se desfazer. O vestido vermelho, que se prolonga em movimento orgânico até se confundir com as flores que crescem ao seu lado, transforma o corpo em continuidade da própria natureza. Segundo plano, com textura de superfície marcada por fissuras e camadas de cor, reforça a sensação de que memória e instante se entrelaçam, criando território onde fragilidade e permanência convivem.

As flores à frente do muro gasto instauram contraste entre vida e desgaste, mas não como oposição, e sim como parte de um mesmo fluxo. A figura, voltada de costas, preserva o mistério do rosto e do lapso no tempo, deslocando a atenção para o gesto e para a materialidade do corpo em diálogo com a pintura. O vermelho intenso atua como fio condutor, unindo a personagem às flores e sustentando o ritmo vibrante da composição, em que cada detalhe se abre como vestígio de passagem.

No conjunto da exposição, *Fragmentos do Instante* relaciona-se ao tema do reflorir ao propor que mesmo em superfícies marcadas pelo tempo pode surgir vitalidade renovada. Yara Delafiori cria uma cena em que corpo, vestido e flor se confundem, convertendo a fragilidade em potência poética. A pintura afirma que o florescimento, além de ser um ciclo visível da natureza, é também o gesto silencioso que transforma a experiência íntima em imagem compartilhada.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Fragmentos do instant, 2024
Colagem analógica e pintura
a óleo sobre tela
100 x100cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



YARA DELAFIORI

Chavantes-São Paulo | Brasil

② @yaradelafiori

Tapeçaria da Vida apresenta uma figura feminina construída como mosaico de rostos, corpos e memórias. Sobre a pele, colagens de diferentes pessoas e situações se entrelaçam como se o corpo fosse suporte de uma coletividade inteira. Cada fragmento traz uma história: sorrisos, gestos, olhares e resistências que compõem a trama humana, na qual a personagem não aparece isolada e sim como território vivo onde múltiplas existências encontram lugar.

O diálogo entre pintura e fotografias na colagem intensifica a complexidade da obra. As pinceladas soltas que moldam o espaço ao redor convivem com a nitidez das imagens incorporadas à figura, instaurando contraste entre fluidez e precisão. Flores vermelhas brotam no canto direito da tela, como se respondessem à vitalidade que pulsa no corpo, expandindo a ideia de que vida e memória crescem em ramos contínuos. O gesto introspectivo da personagem sugere recolhimento, mas também potência, como quem carrega em si, além do próprio destino, os destinos de muitos.

No contexto da exposição, *Tapeçaria da Vida* relaciona-se ao tema do reflorir como afirmação da coletividade. O corpo-mosaico de Yara Delafiori mostra que renascer não é processo solitário: envolve herança, convivência e partilha. A obra celebra a diversidade e transforma a figura feminina em arquétipo de permanência, onde histórias individuais se fundem em narrativa comum. Cada fragmento é memória, cada rosto é semente, cada vida é fio que compõe a trama de um renascimento coletivo.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Tapeçaria da vida | 2024
Colagem analógica e
pintura a óleo sobre tela
80 x 80cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.



YARA DELAFIORI

Chavantes-São Paulo | Brasil

② @yaradelafiori

Primavera na Janela revela uma cena em que o tempo, a memória e o florescimento se sobrepõem em camadas visuais. A figura feminina, diante do espelho, ergue os braços num gesto cotidiano de arrumar os cabelos, mas esse instante íntimo ganha dimensão expandida pela pintura, que multiplica corpos, reflexos e transparências. Textos impressos atravessam a superfície e insinuam que o corpo também é uma página onde se escrevem narrativas, fragmentos de lembranças e traços de identidade.

A presença do relógio, fixado no canto superior, marca a passagem inexorável das horas, enquanto a inscrição *tempus fugit* reafirma a consciência da transitoriedade. Ainda assim, flores coloridas irrompem pela lateral direita da tela como promessa de permanência e renovação, instaurando tensão entre efemeridade e vitalidade. A obra sugere que, diante da finitude, o instante pode ser intensificado e ressignificado pela arte, transformando-se em espaço de revelação.

No conjunto da exposição, *Primavera na Janela* conecta-se ao tema do reflorir ao apresentar a estação não como cenário exterior, mas como estado interno. O gesto íntimo da personagem se transforma em metáfora de renascimento, lembrando que a vida se reinventa justamente na delicadeza dos momentos comuns. Yara Delafiori propõe uma pintura que une corpo, palavra e memória em composição híbrida, fazendo da janela, mais do que uma abertura para o mundo, uma experiência sensível de florescer no tempo presente.

Adriana Scartaris

Curadora, mentora, fundadora do Clube de Artistas e da 284 Gallery



Primaveras na janela | 2024
Colagem analógica e pintura
a óleo sobre tela 80 x 60cm

Para informações personalizadas
sobre a aquisição desta obra,
acesse o QR Code.

